

# Itinerário Cultural de Museus na cidade de Porto Alegre - estudo de caso: Museu Iberê Camargo - interface em plataformas virtuais

## *Cultural Itinerary of Museums in Porto Alegre - Case Study: Iberê Camargo Museum - Virtual Platform*

**Nilza Cristina Taborda de Jesus Colombo**

UNILASALLE - Brasil

arqnizacolombo@gmail.com

**Underléa Bruscato**

Universidad Do Rio Grande Do Sul - Brasil

arq.leiab@gmail.com

**Lucas Graeff**

UNILASALLE - Brasil

lucasgraeff@gmail.com

**Abstract:** *This paper is part of the MA research about the creation of a Cultural Itinerary of Museums in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. The Cultural Itinerary is going to be available in the virtual platform of Iberê Camargo Museum, and it is presented in this case study. The relevance of this study is the appreciation of the memory of these museums, which is what makes the society preserve them. The choice of the virtual media is because of the ease in access and dissemination of museums for people visiting the city.*

**Palabras clave:** Museu; Iberê Camargo; Itinerário Cultural, Plataforma Virtual, Porto Alegre.

### Introdução

A preservação da memória passa por diversas categorias, entre elas a do patrimônio cultural. No que tange à preservação da memória nacional, as leis de tombamento no Brasil consideravam como prioridade, inicialmente, as cidades históricas. “Em 1938, por exemplo, foram tombadas pelo SPHAN as cidades de Ouro Preto, Mariana, São João Del Rei, Tiradentes, Sabará, Diamantina e Serro”. (Oliveira, 2088, pp. 121). Novos debates sobre patrimônio ocorreram desde então, também em nível mundial. Em 1972, por exemplo, “a UNESCO conseguiu mobilizar cerca de 148 países em torno de um abrangente pacto em prol dos bens culturais e naturais da humanidade – Convenção do Patrimônio Mundial”. (Pelegri e Funari, 2008, pp. 33). Mais tarde, em especial a partir de 2003 com a promulgação da “Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial”, a UNESCO conseguiu “imprimir algumas diretrizes internacionais para o inventário e acautelamento dos bens

intangíveis”. (Pelegri e Funari, 2008, pp. 55). No final das contas, vem cabendo às instituições e organismos nacionais e internacionais a delimitação de um conceito de patrimônio cultural capaz de abarcar as mais diversas noções e definições de bens culturais que devem ser identificados, colecionados, preservados e, se for o caso, tombados. Nesse contexto, o patrimônio cultural passa a ser entendido como um todo, levando em consideração não apenas o bem construído, mas as relações sociais que o circunscreve e que dele emanam.

É nesse contexto que o Itinerário Cultural se configura como uma nova modalidade de preservação de um bem material e também imaterial. Segundo a carta dos Itinerários Culturais elaborada pelo ICOMOS em 2008, a “noção alargada de patrimônio sugere novas abordagens de tratamento no interior de um contexto muito mais amplo, a fim de explicar e de salvaguardar as relações significativas diretamente associadas ao seu meio cultural e histórico, assim como ao seu ambiente natural ou

criado pelo homem”. Partindo desta linha de raciocínio, o caminho percorrido entre os pontos de patrimônio edificado ganha conotação cultural por ampliar a comunicação entre os meios de cultura e também por contextualizar o bem patrimonial.

Eis porque o Itinerário Cultural é um meio de propagação da memória. Uma vez que os Itinerários Culturais introduzem e representam “uma contribuição qualitativa para a noção do patrimônio e a sua conservação” (Carta dos Itinerários Culturais elaborada pelo ICOMOS, 2008), o presente trabalho tem por objetivo mostrar como, a partir de pontos de visitação determinados museus da cidade de Porto Alegre, é possível fortalecer a memória da cidade a partir deste novo meio de preservação: o Itinerário Cultural. Mais precisamente, a partir das reflexões que estão sendo elaboradas ao longo do curso de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais no Unilasalle, este trabalho trata sobre a criação de um Itinerário Cultural em plataforma virtual, cujos pontos de visitação serão compostos por nove museus localizados no centro de Porto Alegre.

Com o objetivo de justificar essa proposta, serão abordadas, num primeiro momento, algumas das relações entre memória social e museus, em especial as formas pelas quais é possível incitar o cidadão a se tornar um frequentador habitual desses “lugares de memória” (NORA, 1993). Para tanto, discute-se o caráter complexo das condições de acesso a museus e de recepção de suas obras de arte e/ou memoriais a partir de um estudo sobre o Museu Iberê Camargo, em Porto Alegre. Em seguida, a proposta de itinerário cultural para os museus do centro de Porto Alegre será apresentada. Importa lembrar que, para os fins das reflexões que estão sendo realizadas no quadro do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, tal itinerário contará com uma plataforma virtual cujo desenho da interface está sendo projetada por uma das autoras a partir da orientação dos outros dois. Ao final, assevera-se que a preservação dos museus de Porto Alegre ganhará força com a criação do Itinerário Cultural e de sua interface aqui proposta.

## **Museus como produtos possíveis de políticas da memória**

Os vínculos entre memória social e museu parecem transparentes. É possível afirmar, por exemplo, que o museu é o local onde são reunidos objetos memoráveis, ou seja, que remetem à memória de uma sociedade, de um lugar, de uma família. Nesse sentido, é possível dizer que, “são os museus os centros mais representativos da educação dos povos. São

as salas de recepção cultural de uma cidade ou uma localidade”. (Bueno, 2000, pp. 10). Se, por memória entende-se uma “tentativa de salvar da degradação” e de “retirar [o homem] do tempo, conduzindo-o às verdades eternas, formas imóveis e anteriores a tudo o que se constrói”. (Gondar, 2005, pp. 19), então tudo leva a crer que o museu é, por excelência, um “lugar de memória” (Nora, 1993).

Por outro lado, porém, entendendo o museu como um produto das interações possíveis entre “políticas da memória” (Santos, 2002), os vínculos entre memória social e museu devem ser pensados como uma relação de forças que resulta em definições e redefinições do “passado” e de suas “origens” – isto é, das heranças consideradas comuns a um dado grupo, classe social ou sociedade que precisam ser transmitidas de geração à geração sob o risco de esfacelamentos identitários. Ora, assim percebidos, memória e museu não dialogam mais de forma tão transparente. Ao contrário: sob esse ponto de vista, os museus se afirmam não como meras tentativas de salvar o “passado”, mas como verdadeiros espaços de luta e de solidariedade entre agentes políticos de diversas ordens (intelectuais, pesquisadores-militantes, legisladores, etc.), que consideram a memória como um meio para atingir determinados fins culturais como a consolidação de “comunidades imaginadas” (Anderson, 2008) ou a criação e o fortalecimento de mercados turísticos (Vieira e Martins, 2006).

No caso do presente trabalho, o que está em jogo é a finalidade de ampliar as condições de acesso aos museus do centro de Porto Alegre dentro de um quadro de renovação urbana pautada pela realização de um evento internacional, a saber, a Copa do Mundo de 2014. Obras de infraestrutura e de mobilidade urbana estão previstas no sentido de redesenhar não apenas o centro, mas a cidade como um todo. Um exemplo disso é o projeto de revitalização do Cais do Porto, que visa “transformar a degradada zona portuária em atração turística” (ZERO HORA, 2008) Além disso, entende-se que o uso de novas tecnologias – no caso, uma interface para uso em plataformas virtuais – se impõe como suporte fundamental das relações sociais possíveis entre cidadãos (ou visitantes potenciais) e museus, sejam elas “reais” ou “virtuais” (Lévy, 2000).

Bem entendido, as condições de acesso aos museus através de um itinerário cultural não dependem apenas do contexto histórico-cultural no qual cada museu – seus gestores, seu acervo, suas exposições e seus públicos-alvo – se inserem. É preciso levar em consideração fatores culturais, econômicos e sociais característicos de cada “público”, ou seja, dos diferentes grupos sociais que podem vir a percorrer o iti-

nerário proposto. Quem são essas pessoas? De onde vem? Como terão acesso à interface virtual (de casa, do trabalho, do celular, etc.)? Como elas concebem tal ou tal museu? Faz sentido, do seu ponto de vista, a organização do itinerário a partir dos locais propostos? Uma vez no interior de um dado museu, o que pode fazê-las permanecer, retornar para casa ou partir para um segundo ou terceiro ponto do itinerário? Qual a relação do itinerário proposto, cujo tema é eminentemente museal, com os públicos que virão visitar a cidade durante e após a Copa do Mundo de 2014? É preciso integrar diferentes temas – cultura, patrimônio histórico, esporte, lazer, consumo – na elaboração do itinerário ou seria melhor restringir as informações e as interfaces ao tema museal?

### **As transformações nas condições de acesso a museus e de recepção de suas obras: o caso do Museu Iberê Camargo**

O conjunto dessas questões parece indicar que as atividades dos museus não estão mais calcadas exclusivamente em exposições e manutenção de acervos históricos e artísticos. Em virtude de transformações sociais profundas, que passam tanto pela aceleração dos ritmos de vida (ORTIZ, 1991) quanto pelo advento de uma “cibercultura” (Lévy, 2000), o acesso à cultura e à diversidade cultural passou a ser pensado num quadro global de relações entre arte, consumo, memória e lazer. O museu, por sua vez, torna-se “lugar de lazer, da cultura de consumo e da estetização do cotidiano. Entra-se nele não só para ver os objetos, mas para tocá-los, para ouvir os sons, para se expor à experiência que explora um mundo fantástico de sensações” (Oliveira, 2008, pp. 147).

O caso do museu Iberê Camargo, um dos pontos que servirá de base para a elaboração do itinerário cultural, é paradigmático dessas transformações que envolvem as condições de acesso aos museus e de recepção de suas obras de arte e/ou memoriais. Como consta num dos catálogos de exposição estudados, a preocupação com o “bem-estar” do público no interior do museu parece balizar sua concepção: “O bem-estar do público é especialmente levado em conta com a implantação de serviços. Informações, bibliotecas, cafeterias e jardins incentivam a permanência do visitante e tornam o museu um lugar de passeio independentemente de sua função expositiva”. (Fundação Iberê Camargo, 2008, pp. 24). Com efeito, o próprio projeto arquitetônico do museu, de autoria do arquiteto português Álvaro Siza, indica como a edificação foi totalmente concebida para abrigar atividades diferenciadas – oficinas, ciclo de palestras, ateliê

de gravura, etc. A idéia de “bem-estar” passa igualmente pelo cunho educativo das atividades, que compreendem a capacitação de professores e contato direto com escolas de ensino fundamental e médio, além das universidades. A mediação das obras ocorre também com o intuito educacional: instruir o olhar do visitante contribui não apenas para a propagação da cultura para além do espaço físico do museu, mas para o dimensionamento e a modulação das expectativas que os diferentes públicos dispõem ou podem dispor a respeito das funções sociais do museu.

Para além das relações com os visitantes, o Museu Iberê Camargo se inscreve numa perspectiva cosmopolita onde as exposições permanentes e temporárias contribuem a colocar Porto Alegre em contato com outras instituições culturais do Brasil e do mundo. As mostras devem ser entendidas como motivadoras do pensamento crítico e convidativas à reflexão sobre a arte como um todo. A exemplo do Museu Guggenheim, projeto do arquiteto Frank Gehry, na cidade de Bilbao, O Museu Iberê Camargo entrou no circuito mundial de exposições culturais e tem potencial para ser revitalizador urbanístico do local inserido.

### **Plataforma Virtual**

Foi escolhido o meio virtual como divulgação pela facilidade de acesso e pela rápida aceitação na sociedade atual. Disponibilizar este Itinerário Cultural virtualmente possibilitará que pessoas de fora da cidade, do estado, ou do país, possam acessar as informações que hoje não são compartilhadas nem entre os moradores de Porto Alegre. Para estes, o Itinerário Cultural dará um motivo para a população se apropriar de seus museus de uma maneira mais intensa, valorizando assim seus espaços culturais.

A utilização de meios virtuais intensifica a questão cultural desenvolvida nos pontos de visita do Itinerário Cultural. “De modo de conformar un espacio digital de encuentro y memoria, que replica y se enhebra con la realidad del paisaje cultural, con el fin de promover una perspectiva global e interactiva que apoye su desarrollo y valorización”. (Bruscato, 2009, Sigradi).

O museu está cada vez mais imerso ao mundo virtual. “A relação dos museus com o público vem passando também por profunda transformação, em decorrência de sua inserção nos circuitos da internet. Seus sites não só incentivam visitas virtuais, mas também redefinem a lógica do consumo de seus acervos”. (Oliveira, 2008, pp. 147). Uma apresentação virtual de qualidade destes espaços mantém o visitante conectado com as atividades do museu, bem

como estimula a visitação in loco. Outra vantagem deste tipo de informação é o conhecimento do acervo e o seu acesso a qualquer momento. O site do museu contemporâneo tem utilizado cada vez mais a infografia com o objetivo de aproximar o visitante da realidade física do local. Estar integrado às redes sociais propaga de maneira mais rápida os eventos do museu. Mesmo em outro continente, é possível receber informações e aprofundar conhecimentos sobre o acervo de qualquer museu contemporâneo. “... quanto mais as informações se acumulam, circulam e proliferam, melhor são exploradas (ascensão virtual) e mais cresce a variedade de objetos e lugares físicos com os quais estamos em contato (ascensão do atual)”. (Lévy, 2000, pp. 215).

Os dados remetidos à plataforma virtual serão locados em interfaces separadas para cada museu. A primeira delas conterá o mapa do Itinerário Cultural localizando os nove pontos de visitação. Clicando em cada ponto, abrirá a interface do museu selecionado. Nela conterá as informações acerca de localização, diversidade do acervo, horários, eventos e programações permanentes, além de fotos que contextualizarão o visitante no museu.



A partir desta interface é possível clicar nos links principais que aprofundarão as informações. No estudo de caso, a localização engloba as linhas de ônibus que passam pelo Museu Iberê Camargo, a visitação compreenderá os contatos para o Programa Educativo. No link do acervo, informações sobre o artista Iberê Camargo e sua Fundação. Na programação, um resumo das exposições em atividade.

## Considerações Finais

A preservação dos museus de Porto Alegre ganhará força com a criação do Itinerário Cultural. Sua propagação virtual possibilita uma maior abrangência de divulgação da sua programação. É importante que o usuário tenha contato virtualmente com o acervo antes da visita física, a fim de que a absorção de informações seja mais intensa,

assim como é importante para Porto Alegre que pessoas de todo o mundo tenham acesso ao seu acervo cultural.

## Referência Bibliográfica

- Anderson, Benedict. 2008. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras.
- Aquino R. 2007. Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea: da coleção à criação. Em MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia (pp. 50-59). Rio de Janeiro: IPHAN.
- Bruscato, U. 2009. Espacios de Encuentro y Memoria para enclaves patrimoniales en el sur de Brasil. Sigradi
- Figueiredo, O. S. 2000. Prefácio. Em Bueno, A. Museus do Rio Grande do Sul (pp. 9-11). Porto Alegre: Cia das Ideias.
- Fundação Iberê Camargo. 2008. Álvaro Siza. Organização Flávio Kiefer. São Paulo: Cosac Naify.
- Gondar, J. 2005. Quatro posições sobre memória social. In: Gondar, J; Dodebei, V. (org.). O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Icomos. 2008. Carta dos Itinerários Culturais. Québec: ICOMOS.
- Lévy, P. 2000. Cibercultura. 2. ed. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34.
- Nora, P. 1993. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993, pp. 7-28.
- Pelegrini, S. C. A.; Funari, P. P. 2008. O que é Patrimônio Cultural Imaterial. São Paulo: Brasiliense.
- Oliveira, L. L. 2008. Cultura é Patrimônio. Rio de Janeiro: FGV.
- Ortiz, Renato. “Espaço e Tempo”. IN:\_\_\_\_\_. Cultura e modernidade. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 189 a 257.
- Segre, R. 2010. Museus Brasileiros. Rio de Janeiro: Viana e Mosley.
- Vasconcellos, N. 2010. Percursos Culturais no Centro Histórico de Porto Alegre: visita ao MARGS. Em Possamai, Z. R. Leituras da Cidade (pp.163-167). Porto Alegre: Evangraf.
- Martins, A. B.; Vieira, G. F. mar/2006. “Turismo e patrimônio cultural: possíveis elos entre identidade, memória e preservação”. Estação Científica. Univ. de São Carlos/SP, p 1-19.
- Santos, M. S. dos. 2002. “Políticas da memória na criação dos museus brasileiros” Cadernos de sociomuseologia, v. 16, n. 19, p. 115-137.
- Informações sobre a programação de exposições. Acessado em setembro de 2011, de <http://www.iberecamargo.org.br>
- Zero Hora. 2008. “Projeto de revitalização do Cais do Porto prevê gasto de R\$ 400 milhões até 2013”. Jornal Zero Hora, 29/07/2008.